

GRAU DE MATURAÇÃO DE CULTIVARES DE CAFÉ DE PORTE BAIXO EM REGIÃO DE CLIMA QUENTE

GSP Alves¹, AAP Custódio², JVT Bettio³, VA Filla³, LB Lemos³ – ¹Stoller do Brasil; ²UFSCAR-Universidade Federal de São Carlos, Câmpus de Araras, SP; ³UNESP-Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Jaboticabal, SP

O setor cafeeiro é o segundo maior na geração e circulação de dinheiro no mundo, perdendo apenas para o seguimento petrolífero. A cafeicultura é uma importante fonte de renda para a economia, gera riquezas, inúmeros empregos diretos e indiretos, fortalece a agricultura nacional pela forte representação, coloca o Brasil no posto de maior produtor mundial e segundo maior mercado consumidor, bem como responsável por 30% do mercado internacional (GUIMARÃES, 2008). Entretanto, uma das dificuldades na produção do café consiste na variação das fases de florescimento e maturação, ocorrendo em épocas que variam em função das condições da região de cultivo. A temperatura interfere na duração dessas fases, ou seja, quanto menor a altitude e mais quente a região, mais precoce será a maturação. Quando o ciclo produtivo é muito curto ou interrompido pela colheita, os ácidos clorogênicos fragmentados e o triptofano apresentam gosto amargo e adstringente, ocorrendo a formação da bebida com qualidade inferior. Porém, se o ciclo é longo, são completadas as transformações bioquímicas, ocorrendo acúmulo de precursores, levando o grão a apresentar características mais favoráveis de bebida (CORTEZ, 1997 *apud* BARDIN-CAMPAROTTO et al., 2011). Diante do exposto, o objetivo com esse trabalho foi avaliar o grau de maturação, na condição de sequeiro, de 12 cultivares de café arábica de porte baixo na região de Jaboticabal, SP.

O experimento foi instalado e conduzido no Departamento de Produção Vegetal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias/Unesp, no município de Jaboticabal, Estado de São Paulo. A altitude média da localidade é de 575 metros e a precipitação anual normal de 1424,6 mm. A temperatura média anual é de 22,3 °C, tendo fevereiro como mês mais quente (24,3 °C) e junho como o mais frio (18,8 °C). O experimento, em nível de campo, iniciou-se com plantio das mudas de café em 4 de março de 2008 e finalizou-se com a colheita da primeira safra em maio de 2010. Foi utilizado o delineamento experimental inteiramente casualizado, com 12 tratamentos, constituídos por cultivares de café (*Coffea arabica* L.) de porte baixo, com espaçamento de 3 metros entre linhas e 1 metro entre plantas, 4 repetições e 5 plantas por repetição. As cultivares analisadas foram: Catuaí Vermelho IAC 99, Catuaí Vermelho IAC 144, Catuaí Amarelo IAC 62, Catuaí Amarelo IAC 74, Acauã P 363, Catuaí Amarelo 2 SL (2° seleção), Sabiá Tardio, Obatã IAC 1669-20, Tupi IAC 1669-33, Tupi Resistente a Nematóide IAC 1669-13, Paraíso MG H 419-1 e Rubi MG 1192. Avaliou-se o grau de maturação de todas as cultivares estudadas, onde no mesmo dia da colheita, com o auxílio de um béquer graduado retirou-se um litro de frutos de café (café da roça), que foram classificados em frutos verde, verde cana, cereja, passa e seco. Os dados foram submetidos à análise de variância (teste F) e as médias comparadas pelo teste de agrupamento de Scott & Knott (1974), utilizando o programa AgroEstat para as análises estatísticas (BARBOSA & MALDONADO JÚNIOR, 2010).

Resultados e conclusões

As temperaturas médias dos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2009, ano que antecedeu a primeira colheita, foram de 22,9 °C, 23,6 °C, 25,5 °C e 24,1 °C, respectivamente. Nota-se que a temperatura média de novembro foi superior a 24 °C, considerando a região de Jaboticabal apta para o cultivo de café somente no sistema irrigado (ASSAD et al., 2001).

Na Tabela 1 estão os valores referentes as porcentagens de grãos Verde, Verde cana, Cereja, Passa e Seco de todas as cultivares, observando diferença significativa entre os valores obtidos em cada tratamento.

Tabela 1. Porcentagens dos diferentes estádios de maturação de frutos de cultivares de café arábica de porte baixo. Jaboticabal/SP¹.

Cultivares ²	Verde	Verde cana	Cereja	Passa	Seco
CV IAC 99	15,22b	11,25b	10,19b	20,93a	42,41a
CV IAC 144	17,75b	11,73b	18,70a	21,25a	30,55b
CA IAC 62	23,61b	15,16 ^a	7,68b	27,11a	26,43b
CA IAC 74	32,80a	17,23 ^a	11,13b	18,30a	20,53c
Acauã	36,82a	15,60 ^a	6,07b	14,52b	26,98b
Catuaí A. 2 SL	34,93a	16,53 ^a	9,41b	23,34a	15,78c
Sabiá Tardio	41,88a	18,35 ^a	7,72b	9,51b	22,53c
Obatã	42,35a	20,47 ^a	9,96b	18,12a	9,09c
Tupi	38,90a	7,64b	4,45b	25,52a	23,48c
Tupi RN	37,22a	9,96b	14,70a	8,34b	29,77b
Paraíso	35,76a	16,23 ^a	11,67b	14,39b	21,95c
Rubi	32,96a	15,88 ^a	8,03b	15,85b	27,27b
Teste F	4,52**	3,00**	4,01**	2,69**	3,97**
Média	32,52	14,70	9,98	18,10	24,73
CV (%)	25,84	29,49	38,5	39,69	33,35

¹ Médias seguidas de letras distintas diferem entre si pelo teste de Scott & Knott (1974). ** nível de significância a 1% de probabilidade. ² CV=Catuaí Vermelho, CA=Catuaí Amarelo, A.=Amarelo, RN=resistente a nematóide.

As cultivares Obatã e Sabiá Tardio foram as que apresentaram a maior incidência de frutos verdes na colheita, devido a sua característica de maturação tardia. O grupo de cultivares avaliados apresentaram uma grande desuniformidade de maturação dos frutos devido as condições climáticas dos anos em que se conduziu o experimento. No ano de 2009 não houve seca prolongada e como consequência acarretou um desequilíbrio fisiológico na planta, visto que a mesma necessita de um período de estresse para o seu plausível desenvolvimento, levando a várias floradas, muitas delas antecipadas, acarretando consequentemente na presença de flores e frutos em um mesmo ramo, levando a uma desuniformidade na maturação dos frutos.